



Câmara Municipal
Vila Real Sto. António

Centro de Investigação e Informação do
Património de Cacela
Divisão de Cultura e Educação /
Subdivisão de Cultura e Património
Histórico / CMVRS

NOTA DE EDIÇÃO:

O Ano de 2024 traz-nos de volta “O Tomilho”, na sua 49ª edição. Nesta publicação fazemos uma síntese do que aconteceu no CIIPC durante o ano 2023, dando destaque às actividades realizadas em Novembro e Dezembro, na rúbrica *Aconteceu*.

A página do artesão é dedicada à arte da empreita pela mão da artesã Maria Piedade Silva Dias. Da árvore de Natal montada em Cacela Velha saiu o *Objecto com História* desta edição, um covo para a pesca do polvo.

E porque estamos perto do Entrudo e dos seus bailes, dedicamos a rúbrica *Memórias e Saberes* aos bailes de Cacela que se faziam nesta e noutras alturas do ano e, em particular, à história da Associação Recreativa Cacelense.

Maria Piedade Dias partilha uma receita da sua avó: sopas de batata.

Para terminar, descubra algumas palavras alusivas aos bailes de Cacela no nosso passatempo e fique a conhecer as actividades para Janeiro e Fevereiro.

Boas leituras e até ... Março!

NESTA EDIÇÃO:

Aconteceu em 2023	1
Aconteceu	2
Página do artesão	5
Objecto com História	6
Memórias e Saberes - Bailes de Cacela e a Sociedade Recreativa Cacelense	7
Receita	11
Passatempo	12
Vai acontecer...	12

O Tomilho

EDIÇÃO BIMENSAL
NÚMERO 49

JANEIRO /
FEVEREIRO
2024



SANTA RITA

Aconteceu em 2023...

O trabalho de investigação, interpretação, valorização e educação para o património continuou a ser o foco do CIIPC durante o ano de 2023.

Na área da investigação, prosseguiu-se com o projecto “Muçulmanos e cristãos em Cacela medieval: território e identidades em mudança”, nomeadamente, com o estudo de cerâmicas islâmicas encontradas em Cacela Velha. O património rural vernáculo, o património imaterial e a história local continuaram a ser alvo de investigação, publicando-se conteúdos de divulgação no “O Tomilho”.

Com o público escolar, desenvolvemos acções educativas com 415 crianças, dedicadas ao nosso património histórico e arqueológico, cultural e natural. As escolas do concelho tiveram à disposição 7 temáticas diferentes propostas pelo CIIPC para explorar com os alunos. Ainda no âmbito educativo, continuámos a colaborar activamente com o Projecto “À Descoberta das 4 Cidades”, tendo-se concluído a dinamização da acção educativa bianual: “Recria a história da tua terra/cidade”. À exposição “As Profissões Antigas de Cacela” patente no CIIPC, juntaram-se ao longo do ano a exposição “Geometria do plástico” da artista plástica Joana Bandeira Rocha e o “Presépio Algarvio”, realizado com a comunidade.

O CIIPC promoveu 7 oficinas regulares dedicadas ao património, às artes e a saberes-fazeres tradicionais (bonecos de meia, serigrafia, hortas, cal, cianotipia, trapologia, presépio algarvio) para o público em geral e 5 oficinas para o público infanto-juvenil, uma nas férias da Páscoa e quatro nas férias de verão.

Realizaram-se ainda actividades com a ASMAL, Associação de Saúde Mental do Algarve.



ACONTECEU...

A 16ª edição dos *Passos Contados* incluiu 7 passeios de interpretação da paisagem no concelho, sobre temáticas relacionadas com o nosso património, nomeadamente a flora do Algarve; usos da cana; safra do sal; o figo no Algarve; arquitectura em Vila Real de Santo António; jazida fossilífera de Cacela; e o megalitismo em Cacela - Túmulo de Santa Rita.

Com a comunidade local, desenvolvemos iniciativas como a celebração dos Maios, com 7 dezenas de maios e maias que animaram as ruas de Santa Rita, revivendo-se esta antiga tradição festiva, associada à Primavera. Voltámos a celebrar o dia de São Martinho e realizámos o presépio tradicional algarvio.

Em Maio, em parceria com a ADRIP, dinamizámos em Cacela Velha o fim-de-semana “Caia-me”, uma acção de voluntariado para a caiação do espaço público que contou com cerca de 20 voluntários, contribuindo para a preservação e dignificação do espaço público desta vila história.

No Verão voltámos a ter programação cultural em Cacela Velha com as *Noites da Moura Encantada*, o Ciclo *Clássica em Cacela*, dedicado este ano à música vocal, e o ciclo de *Cinema na Rua*.

Em parceria com a ADRIP, realizámos 4 mercadinhos em Cacela Velha, um por cada estação do ano e 2 Mercados das Trocas, com a ADRIP e Banco Local de Voluntariado.

Em 2024 junte-se a nós, participe no “*O Tomilho*” com fotografias e objectos antigos ou com o seu conhecimento sobre histórias e pessoas de Cacela, e nos novos projectos e actividades do CIIP Cacela. Será sempre muito benvind@!



Magusto, comemoração do S. Martinho

Tivemos o prazer de receber mais uma vez os habitantes da aldeia de Santa Rita, vizinhos e amigos de todo o concelho para comemorar o S. Martinho na antiga Escola Primária de Santa Rita, em ambiente de amizade e alegria. Contámos ainda com a presença do Presidente da Câmara Municipal Álvaro Araújo e com dirigentes do pelouro da Cultura.

Um agradecimento especial aos funcionários da Junta de Freguesia de Vila Nova de Cacela pelo apoio logístico e colaboração durante o magusto.



ACONTECEU...

CIIPC PARTICIPA NAS VI JORNADAS DA RMA



No dia 17 de Novembro realizaram-se as 6^{as} Jornadas da Rede de Museus do Algarve em Silves com o tema “Desafios do Património Cultural Imaterial: Comunidades, sustentabilidade e diversidade”.

Neste encontro, que reúne os museus e equipamentos equiparados do Algarve e é aberto ao público em geral, foi feito um balanço crítico dos 20 anos da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da UNESCO (2003-2023) e reflectiu-se sobre os desafios que se colocam aos museus, na sua relação com as comunidades, numa óptica nacional, regional e local.



O CIIPC fez parte da organização e definição do programa das jornadas. Em Silves apresentou (com

o Museu Municipal de Tavira) a comunicação: “Património Imaterial. Desafios do trabalho em rede nos museus do Algarve”, em representação do grupo RMA-PCI; e o poster “DE BOCA A ORELHA. Experiências de registo e salvaguarda do património oral a partir de um projecto educativo intermunicipal”.

OFICINA DE NATAL



Com o objectivo de valorizar uma das tradições algarvias associadas ao Natal, o CIIPC dinamizou no dia 2 de Dezembro a sua última oficina de 2023 designada “Cria o teu presépio Algarvio”, na antiga escola primária de Santa Rita.

Crianças e adultos criaram e vestiram o seu menino Jesus e semearam searinhas de trigo e de lentilhas em latinhas de conserva, para em casa montarem o seu presépio Algarvio, juntando laranjas e outros frutos do Algarve, como as alfarrobas e amêndoas.



MERCADINHO DE NATAL

O mercadinho de Natal em Cacela Velha aconteceu dia 3 de Dezembro em torno da árvore de Natal, dedicada este ano à pesca artesanal, cuja a decoração se materializou em artes e materiais, doados por pescadores de Cacela Velha, Monte Gordo, Vila Real de Stº António e Tavira, tais como redes, bóias, covos, alca-truzes, ...

Participaram no mercadinho cerca de 80 artesãos e produtores alimentares e uma dúzia de participantes com artigos em 2ª mão. Houve também espaço para petiscar salgados, crepes e doces, tudo caseiro e elaborado com produtos locais.

Para animar a tarde, fomos contemplados com música tocada pelo duo Frederic Duran e Hubert GroB, que de forma voluntária aderiram ao evento.

O mercadinho voltará a Cacela Velha por altura da Primavera.



PRESEPIO ALGARVIO



O presépio Algarvio voltou ao CIIPC, 10 dias depois de se terem semeado as primeiras searinhas de trigo e de lentilhas.

Os nossos agradecimentos às vizinhas Noémia Gonçalves, Lurdes Cláudio, Isabel Marques e Raquel Batista pela colaboração e às vizinhas Maria Emília e Anabela Fernandes, pelo empréstimo do menino Jesus e outros materiais decorativos.

Maria da Piedade Silva Dias, artesã de empreita



SOBRE O SEU OFÍCIO

Quando ajudava a avó na empreita, as peças eram sobretudo sacos grandes que iam para fora de Portugal mas também alcofas redondas para apoio à agricultura. A palma é apanhada por si e pelo seu marido entre Março e Maio na região, seguindo-se depois a secagem da palma (15 dias se estiver ao sol) para poder começar a ser aberta, ripada e entrançada, a técnica que usa.

Pinta também alguma palma submergindo-a em tinta em pó, comprada em Loulé. Os presépios e outras peças alusivas ao Natal surgiram há pouco tempo, depois de ter visto na internet e da vontade de aproveitar materiais da natureza: pinhas, cascas de frutos secos, ramos, folhas e outros materiais.

Vende exclusivamente em feiras e mercados ou por encomenda.

NOTA BIOGRÁFICA

Maria da Piedade Silva Dias nasceu em Boliqueime, concelho de Loulé, em 1964.

Aprendeu a fazer empreita ainda muito nova com a sua avó, ajudando-a a fazer peças para vender. Com a 4ª classe feita, começou a trabalhar numa fábrica de congelados, deixando de fazer empreita durante 30 anos.

Há cerca de 6 anos, veio viver para Vila Real de Santo António e voltou a olhar para as palmeiras ganhando uma renovada vontade de voltar a fazer empreita. Desde então dedica-se 100% ao artesanato em palma e materiais vegetais.



Contacto:
916 360 480

OBJECTO COM HISTÓRIA

Covo

DESCRIÇÃO DO OBJECTO

O covo é feito com rede em plástico e no fundo é constituído por 2 eixos de ferro que servem para dar peso ao objecto para o fundear.

Este covo mede 40 cm por 40 cm e tem uma altura de 20 cm, sendo a malha da rede de 3 cm por 3 cm.

No centro existe um orifício por onde o polvo entra mas que com dificuldade consegue sair. Ao lado desse buraco existe um cilindro com uma tampa onde é colocado o isco ou engodo (cavala, sardinha ou outro) e que serve para atrair o polvo.



FUNÇÃO E CONTEXTO

Este objecto é uma armadilha utilizada na pesca e, este em concreto, serve para capturar polvo. Existem covos de outras dimensões que servem para pescar outras espécies, como chocos, crustáceos e vários peixes. São os pescadores que o constroem com a rede que compram e cuja malha depende do pescado a capturar.

Os covos são engodados e colocados na água presos a um cabo com algumas centenas de metros de comprimento distando entre si cerca de dez metros, fazendo teias com vários quilómetros de extensão espalhadas pelo mar.

Depois de um tempo debaixo da água, período em que se pretende que o polvo entre no covo atraído pelo cheiro do alimento (o isco), os pescadores voltam ao mar para puxarem os covos e retirar os polvos que lá entraram voltando depois a engodá-los para serem lançado novamente ao mar.

DADOS HISTÓRICOS

Felizardo Chagas, pescador de polvo da Praia da Lota conta-nos que tradicionalmente os pescadores da região usavam as murejonas (em arame de aço) e os alcatruzes para apanhar polvos e outras espécies. Os covos eram mais utilizados no norte de Portugal e começam a ser trazidos para sul: Lagos, Portimão e depois para o sotavento algarvio.

Felizardo e outros pescadores desta praia experimentaram este utensílio na pesca mas acabaram por o deixar de usar por preferirem os alcatruzes, mais limpos e sem necessidade de iscar.

Este covo, já sem uso, foi recolhido do lixo e serviu para decorar a árvore de Natal em Canela Velha, este ano alusiva às artes de pesca e aos pescadores.

Memórias e Saberes

Bailes em Cacela e a Sociedade Recreativa Cacelense

Com o Carnaval à porta, é tempo de recordar os bailes que se faziam por altura do Entrudo em Cacela e que constituíam um dos poucos momentos de lazer desta e de outras comunidades rurais, quebrando as suas pesadas e intensas rotinas de trabalho. O entrudo é uma época festiva marcada pela alegria, excentricidade e convívio. Simboliza a “morte” do Inverno e antecede a Quaresma que, por oposição, se caracteriza por uma época de 40 dias de sacrifício, recolhimento e jejum até à Páscoa.



Fotografia publicada por João Pinto em <https://www.facebook.com/groups/748433571976756>, página do facebook do grupo Vila Nova de Cacela - o Litoral, o Barrocal e a Serra!

se faziam novas amizades. Era portanto, um dos poucos momentos de lazer da vida quotidiana destas comunidades, onde havia oportunidade de conhecer novas pessoas e encetar novas relações de amizade e namoros, podendo mesmo dizer-se que os bailes foram responsáveis por muitos casamentos e pelas novas gerações que destas uniões nasceram.

A fotografia publicada remonta a 24 de Fevereiro de 1946. Trata-se de um folheto de divulgação do baile de Carnaval realizado dois domingos antes do dia de Carnaval (nesse ano a 5 de Março), organizado por José Duarte Castro no salão de baile. Este salão situava-se no 1º andar de um edifício já inexistente que se encontrava perto da Estação de Comboios de Vila Nova de Cacela, onde hoje fica o edifício da sede da Sociedade Recreativa Cacelense. No rés-do-chão deste antigo edifício ficava a padaria “Vencedora” e uma taberna e no primeiro andar havia um grande salão onde se faziam os bailes durante os meses de Inverno. Por ser no 1º andar era conhecido pelo salão dos Altos.

Os bailes incluíam uma orquestra com músicos locais ou das redondezas e um bar onde eram servidos “saborosos aperitivos”. Era frequentado por pessoas de Cacela mas também de Vila Real de Santo António e de Castro Marim e era cobrado um bilhete de entrada.

Muitas pessoas recordam-se destes bailes que marcaram de forma muito positiva a sua juventude, por serem momentos de convívio onde se encontravam amigos, familiares, vizinhos e

Aconteciam sobretudo ao fim-de-semana, em matinés ou à noite. As deslocações ao baile eram feitas a pé, de bicicleta ou carro e eram frequentemente em família, pais e filhos, sendo as relações de sociabilidade, sobretudo das filhas, feitas na presença dos pais e controladas por estes.

Em Cacela haviam ainda mais 2 espaços onde se organizavam bailes: a esplanada do Cine-Cacelense e a Sociedade Recreativa Cacelense.

O Cine-Cacelense foi feito pelos irmãos Henriques no espaço onde outrora tinha funcionado uma fábrica de moagem. Em 1970 foi arrendado e mais tarde comprado por 3 sócios: Joaquinico Rodrigues, Amílcar Nascimento Pires e José António Correia Vidal. O espaço era composto por uma sala de cinema e uma esplanada, local onde se realizavam os bailes de Verão e se assistiam a espectáculos de artistas de renome como Carlos do Carmo, Fernando Farinha, Fernando Tordo, Anita Guerreiro, Lúcia Ribeiro, Marco Paulo, entre muitos outros.



Antiga esplanada do Cine-Cacelense

Alguns artistas que actuaram na esplanada do Cine-Cacelense

No Inverno, os bailes eram feitos no interior do edifício, numa grande sala com bar de apoio onde se serviam bebidas e alguns aperitivos. No edifício havia ainda outro bar de apoio ao cinema, outra importante atracção em Cacela.

O Sr. José Roberto recorda “Em 1956/57 já eu ia ao cinema lá e era uma boa sala de cinema à data. Nessa altura o cinema era anunciado. O homem que passava a máquina tinha um micro para o exterior e anunciava o filme que ia passar. Passavam todos os fins-de-semana. Era o Robin dos Bosques e outros. Eram filmes que compravam e tinham que os ir buscar a Lisboa. Primeiro eram os documentários e depois vinha o filme propriamente dito. Havia música para entreter e passavam paisagens do Alentejo, e cidades de Portugal e depois então vinha o filme. Eram do faroeste e aquelas coisas todas. Os menores não podiam entrar.” Ocasionalmente, havia também filmes para o público mais novo, e nessa altura os pais levavam os seus filhos às matinés.



Bar de apoio ao cinema



Bilheteira



Sala de cinema do Cine-Cacelense

Enquanto os bailes organizados pelo Cine-Cacelense e pelo salão na casa dos Altos eram abertos a todas as pessoas e com cobrança à entrada, na Sociedade Recreativa Cacelense os bailes eram com entrada restrita aos sócios com as cotas em dia que entravam sem pagar.

A origem desta Sociedade remonta, segundo o actual presidente José Madeira, a 1923, altura em que um grupo de amigos se junta para fundar o Grémio Cacelense. No entanto, os seus estatutos datam de 1938.

O objectivo comum que uniu este grupo de amigos foi o gosto pelo jogo, em particular, cartas e foi essa a principal componente desta associação desde sempre, criar um espaço restrito a sócios para jogar cartas e outros jogos como o dominó, a petanca ou a malha. Embora fosse proibido, os jogos eram frequentemente feitos a dinheiro e enquanto uns fizeram fortuna, outros ficaram na miséria *“Mataram-se 2 por causa do jogo. Perderam o dinheirinho todo, de VRSA, e mataram-se. Jogávamos à batota noites inteiras. Ainda fugimos muitas vezes. Jogávamos a dinheiro.”* (Duarte Frederico)

Ser sócio, implicava ter alguns requisitos: *“tinha que ser alguém com algumas qualidades, com alguma influência. Porque havia pessoas que eles não queriam lá. Era de elite. Isto é o que se houve contar.”* (José Madeira) *“A camada de pessoas que faziam parte da sociedade recreativa eram os ricos e os pobres pouco podiam lá ir. Mais tarde foi melhorando.”* (José Roberto)

Como tal, cada vez que surgia alguém interessado em associar-se, o processo era avaliado pela direcção da sociedade que tinha 8 dias para aceitar ou rejeitar a pretensão. Duarte Frederico, residente em Santa Rita, recorda-se que, com 18 anos, foi obrigado a associar-se para poder jogar às cartas tendo sido o sócio nº 5. *“Comecei a ir lá, com o descansado Sr. Arnaldo Brito, jogar à batota”.* (Duarte Frederico) Já o nº1 foi Joanico Rodrigues, um dos sócios do Cine-Cacelense. *“Eles voltavam a dar os números dos sócios que tinham falecido.”* (Joanico Rodrigues)

Se para se ser sócio havia pré-requisitos, para se ser membro da direcção, as exigências eram ainda maiores. *“Tiveram homens à frente daquilo com nome, pessoas de vulto de Cacela, homens grandes. É que se tinham que impor, as pessoas iam para lá jogar às cartas, faziam distúrbios, embebedavam-se e guerreamos sócios uns com os outros e tinha que haver disciplina. Era o Sr. Armando dos Correios, fui o Sr. Joaquim José, o Sr. Domingos Corvo, pessoas de respeito”* (José Roberto).

A primeira sede do então Grémio Cacelense situava-se na actual Avenida Manuel Rosa Mendes, perto da Drogaria Irene, na única casa que na altura tinha 1º andar. Por esse motivo era também conhecida pela Casa dos Altos. Posteriormente, a sede mudou-se para uma casa térrea, na mesma avenida, ao lado da



antiga farmácia e aí permaneceu até 2008. Em homenagem a esta sociedade, foi atribuído o seu nome ao beco da parte nascente do edifício que ainda existe. A actual sede foi construída de raiz em terreno municipal, onde outrora fora a padaria e salão de baile. A nova construção esteve a cargo da autarquia de Vila Real de Santo António que a construiu com o apoio dos fundos comunitários e de pessoas da comunidade.



As 3 sedes da Sociedade Recreativa Cacelense: o edifício da esquerda foi a 1º sede, o do meio, a 2º sede e o edifício da direita é a sede actual desde 2008.

Para além de ter um espaço para jogos (cartas, dominó, abafa, entre outros), o Grémio organizava bailes, sobretudo no Carnaval e Páscoa, para associados e convidados, sendo que estes últimos pagavam entrada. Ao contrário dos jogos de cartas com frequentadores exclusivamente do sexo masculino, os bailes eram frequentados também por mulheres associadas ou familiares / amigas de sócios.

Nos bailes tocavam músicos da localidade e arredores “Os músicos eram de Cacela. O Sr. António Gaudino que tocava viola, outro tocava acordeão, o José Bartolo tocava o banjo. Isto para aí nos anos 50 e tal, 60. Depois começaram a aparecer grupos de músicos já mais organizados com o vocalista, bateria...” (José Madeira)

José Roberto recorda também as fanfarras que o grémio organizava no 1º de Dezembro “A Sociedade Recreativa Cacelense saía à rua para uma fanfarra. Era uma festa, isto nos anos 50, 60, 70. Eu vi, era com o Jacinto Ratinho, José Tojeira, o José Pereira e o Manuel Castanheira. Violino, guitarra, fole e tambor. Eram todos músicos daqui. Atravessavam esta rua dalém até à outra ponta e as pessoas iam atrás.”



Arnaldo Pereira, Hélio Lopes e Mário Candeias na antiga sede da SRC, no encontro de acordeonistas em Novembro de 2001

A Sociedade Recreativa promovia ainda encontros de malha e petanca e tinha um grupo de ciclo-turismo de adultos, tendo adquirido equipamento para este desporto com apoios comunitários. Organizou durante vários anos encontros de acordeonistas por altura do mês de Novembro que só terminaram com a Pandemia Covid19. A Sociedade foi perdendo sócios que ao longo dos últimos anos foram falecendo e a média de idades dos que ainda fazem parte é bastante elevada, uma vez que não há renovação de sócios das novas gerações. Com este cenário, a sua actividade é hoje bastante reduzida. A sede tem no seu interior o bar, onde as pessoas se continuam a reunir para conviverem enquanto jogam às cartas ou ao dominó, um salão onde se faziam os bailes e

que hoje é utilizado pelo Clube de Ju jitsu com aulas semanais e uma biblioteca bem equipada mas sem leitores. Pontualmente o salão tem sido também usado para a parte teórica de cursos de formação na área agrícola.

As sociedades recreativas, como a Cacelense, tiveram uma clara importância durante o séc. XX não só por serem espaços onde se cultivavam relações de proximidade e sociabilidade entre as pessoas, fortalecendo identidades sociais, culturais e territoriais e incentivando a organização popular em prol de objectivos comuns, mas também “enquanto espaços privilegiados de manifestações de redes de influência e poder” (Viegas, J. M. Leite(1986) “Associativismo e dinâmica cultural” in *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 1, pp. 102-121.)

A morte progressiva destas sociedades e do associativismo em geral, resultado, por um lado, do envelhecimento dos seus associados e, por outro, da ausência de renovação de novas gerações de sócios, tem como consequências o empobrecimento das dinâmicas e identidades sociais e culturais dos seus territórios. A perda de objectivos comuns, de uma consciência e dinâmica colectiva enfraquece a cidadania activa das novas gerações, que, aparentemente, não têm interesses comuns capazes de as fazer unir.

Informantes:

- Carla Lopes, Duarte Frederico, Joanico Rodrigues, José Madeira, José Roberto.



RECEITA



Sopas de batatas

receita de Maria Piedade Silva Dias

INGREDIENTES



- Batatas
- Azeite
- Tomate
- Alhos
- Cebolas
- Toucinho
- Louro
- Sal



Preparação

- Refoga-se o alho e a cebola em azeite e depois acrescenta-se o tomate cortadinho.
- Junta-se um pouco de água e quando ferver colocam-se batatas às rodelas.
- Deixa-se cozer com uma folha de louro.
- À parte, fritam-se pedaços de toucinho entremeado finos.
- Quando as batatas ficam cozidas, são entornadas numa tigela ou prato já com fatias de pão no fundo.
- Para finalizar, colocam-se os pedaços de toucinho em cima das sopas.

Bom apetite!

Receita feita pela avó Gertrudes de Sousa em Boliquireme e que se recorda comer desde pequena. O toucinho vinha da matança do porco que faziam em casa no final ou início do ano. Este prato era reconfortante e comia-se em qualquer altura do ano, mas com especial prazer no Inverno.

Passatempo...SOPA DE LETRAS

Descubra estas 10 palavras associadas aos bailes de Cacela:

R	T	O	A	E	D	R	O	C	A	C
E	S	N	E	L	E	C	A	R	S	E
C	D	R	N	C	A	E	C	E	G	S
R	J	A	I	O	M	A	L	R	O	N
E	I	O	D	S	E	T	E	C	L	E
A	B	N	T	E	N	M	A	R	E	L
T	A	I	E	L	I	A	B	E	S	E
I	I	M	J	O	C	C	L	A	P	C
V	L	O	G	J	O	G	O	U	I	A
A	A	D	A	N	A	L	P	S	E	C
S	N	E	D	O	P	E	C	A	C	O

- Acordeão
- Baile
- Cacelense
- Cinema
- Dominó
- Esplanada
- Grémio
- Jogo
- Sociedade Recreativa

VAI ACONTECER...

EXPOSIÇÕES

“PROFISSÕES ANTIGAS DE CACELA”

CIIPC /CMVRS

Antiga Escola Primária de Santa Rita

Horário

De segunda a sexta-feira

9h00 – 13h00 e 14h00 – 17h00

OFICINAS (sujeitas a inscrição prévia)

OFICINA MANDALAS DE LÃ.

Vem mergulhar na magia das cores

Com Susana Gonçalves

CIIPC/CMVRS

Antiga Escola Primária em Santa Rita

Domingo, 14 de Janeiro

Das 15h às 18h

Para famílias e público em geral

Sujeito a inscrição prévia

Valor de inscrição – 7,5 €

IMPRESSÃO EM SERIGRAFIA. Papel e têxtil

Com o artista plástico Sérgio Rocha

CIIPC/CMVRS

Antiga Escola Primária de Santa Rita

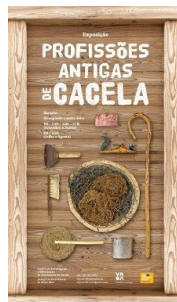
Domingo, 18 Fevereiro

Das 14h30 às 18h30

Para famílias, pessoas dos 9 aos 99 anos.

Sujeito a inscrição prévia

Valor - 15 € - pessoa / 20€ - Adulto + criança (têxtil não incluído)



Janeira dedicada aos Reis

Quais são os 3 cavaleiros que fazem sombra no mar?

São os 3 do Oriente

que Jesus vêm buscar.

Não perguntam por pousada nem por quem lha possa dar, perguntam por Deus-Menino, aonde o irmão achar.

Foram-no achar em Roma, revestido no altar, com 3 mil almas à roda todas para comungar.

S. João ajuda a missa

S. Pedro mandou missar,

missa nova quer dizer,

missa nova quer cantar.

Cantado, uma parte por Duarte Frederico, e completado com pesquisa no site <https://amusicaportuguesaagostar-de-laproprias.org/>



Câmara Municipal
Vila Real Sto. António

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Vila Real de Santo António / Divisão de Cultura e Educação/ Subdivisão de Cultura e Património

Coordenação e redacção:

Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela

Colaboração:

Carla Lopes, Duarte Frederico, Felizardo Chagas, Joanico Rodrigues, José Madeira, José Roberto, Maria Piedade Silva Dias

Contactos:

Tel: 281 952600

Email: ciipcacela@gmail.com